

## UM TREM PARA AS ESTRELAS DE CAZUZA E GILBERTO GIL: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA

Heber Junio Pereira Brasão<sup>1</sup>

Cristina Soares de Sousa<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise estilística do poema “Um trem para as estrelas, letra da música tema do filme de mesmo nome. O intuito é apresentar aos alunos análises em que possam basear seus trabalhos acadêmicos na área da Estilística. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e uma análise baseada nos preceitos da Estilística, especificamente na teoria de Lázaro Carreter e Cecília de Lara<sup>1</sup>.

**Palavras-chave:** Estilística. Análise textual. Um trem para as estrelas

**ABSTRACT:** This paper presents a Stylistic analysis of the lyrics “Um trem para as estrelas”, that is the movie theme music of a film of the same name. We aimed to give to our students a basis of analyzes to their academic work in the field of Stylistics. It is a bibliographic research and an analysis based on the precepts of Stylistics, specifically on the theory of Lázaro Carreter and Cecília de Lara

Keywords: Stylistic. Textanalysis. Um trem para as estrelas.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise estilística da música “Um trem para as estrelas”, de autoria do já falecido Cazuzza e de Gilberto Gil. É um texto que poderá servir de base aos alunos da disciplina Estilística, para executarem suas análises de outros textos. Sempre se deve alertar que uma análise estilística consiste em um enfoque pessoal, e sempre uma análise feita por alguém será diferente de outra, não apenas por enfoques teóricos diversos, mas pela individualidade da percepção de cada analista.

### 1 O TEXTO ANALISADO: UM TREM PARA AS ESTRELAS

Os poetas utilizam a metáfora do Cristo Redentor, cartão postal da cidade do Rio de Janeiro, para fazer uma crítica às desigualdades sociais da mesma cidade e, por extensão, de todo o Brasil, de norte a sul.

---

1-Licenciado em Letras, Filosofia e Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG. jnhofiat@hotmail.com.

2- Professora, Coordenadora da CPA, do Comitê de Ética e Núcleo de pesquisa do UNIFUCAMP.

---

<sup>1</sup> CARRETER, Lázaro; LARA, Cecília de. **Manual de explicação de textos**. 1973, p. 25-48  
Cadernos da Fucamp, v.19, n.38, p.178-188/2020

1. São sete horas da manhã
2. vejo o Cristo da janela
3. o sol já apagou sua luz
4. e o povo lá embaixo espera
5. nas filas dos pontos de ônibus
6. procurando aonde ir.
7. São todos seus ciclerones
8. correm para não desistir
9. dos seus salários de fome
10. e a esperança que eles têm
11. nesse filme como extras,
12. todos querem se dar bem
13. num trem para as estrelas
14. depois dos navios negreiros
15. outras correntezas.

16. Estranho o teu Cristo Rio
17. que olha tão longe, além
18. com os braços sempre abertos
19. mas sem proteger ninguém.
20. Eu vou forrar minhas paredes
21. do meu quarto de miséria
22. com manchetes de jornal
23. para ver que não é nada sério.
24. Eu vou dar o meu desprezo
25. para você que me ensinou
26. que a tristeza é uma maneira
27. da gente se salvar depois num trem para as estrelas

(Gilberto Gil/Cazuzza. Disco: "Ideologia")<sup>2</sup>

## 2 OS AUTORES

### 2.1 Cazuzza

Agenor de Miranda Araújo Neto (Cazuzza) nasceu no Rio de Janeiro em 1958 e faleceu também no Rio de Janeiro em 1990. Letrista, cantor, filho único, foi criado no Rio de Janeiro, em Ipanema, recebeu desde pequeno o apelido de Cazuzza que significa "moleque" no Nordeste brasileiro. Abandonou a faculdade de comunicação e iniciou a vida profissional na gravadora Som Livre, presidida pelo pai, João Araújo. Insatisfeito, foi para São Francisco, nos Estados Unidos, para estudar fotografia e artes plásticas. Sete meses depois estava de volta ao Brasil sem a formação no curso, mas a experiência lhe valeu um emprego de fotógrafo na gravadora

---

<sup>2</sup> REVISTA ÉPOCA. Discografia comentada de Cazuzza». 4 de junho de 2004. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia\\_\(%C3%A1lbum\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia_(%C3%A1lbum))

RGE. Em 1981 matriculou-se no curso de teatro ministrado por Perfeito Fortuna e a trupe Asdrúbal Trouxe o Trombone no Circo Voador, no Arpoador. Encenou duas peças: em uma delas interpreta a música “Odara”, de Caetano Veloso, o que o incentivou a se tornar cantor. Não demorou muito e, por intermédio do amigo roqueiro Léo Jaime, Cazuzza entrou para uma banda em formação, o Barão Vermelho — com ele nos vocais, Roberto Frejat (1962), na guitarra, Dé (19, no baixo, Maurício Barros (1964), nos teclados, e Guto Goffi (1962), na bateria.

O Barão Vermelho trilhou o circuito *underground* carioca e estreou para o grande público no verão de 1982, no efervescente Circo Voador. Uma fita demo da banda logo chegou às mãos de Ezequiel Neves, crítico de música e produtor da Som Livre - com quem Cazuzza havia trabalhado — que, empolgado com as letras de Cazuzza e com o som despojado do conjunto, convence Araújo a contratar a banda do filho.

O primeiro álbum, Barão Vermelho (1982), recebeu elogios da mídia, mas teve vendagem modesta. Barão Vermelho 2 (1983) chamou a atenção do público, após Ney Matogrosso gravar "Pro Dia Nascer Feliz", canção que logo faz sucesso na versão original da banda. O Barão Vermelho alcançou, enfim, projeção nacional ao participar da trama e da trilha sonora do filme Bete Balanço (1984), de Lael Rodrigues (1951-1989): a música tema do filme, homônima, ganhou as rádios e caiu nas graças do público. No mesmo ano, saiu o disco Maior Abandonado, que conquista prestígio e consolida a parceria Cazuzza/Frejat como uma das mais profícuas do rock brasileiro. No verão de 1985, o Barão Vermelho apresentou-se com destaque no megafestival Rock in Rio. No auge da fama até então, Cazuzza resolveu desligar-se do grupo e seguir carreira solo, decisão que coincidiu com a manifestação de seus primeiros sintomas da Aids.

O primeiro álbum de Cazuzza, “Exagerado” (1985), manteve a sonoridade roqueira, e fez sua carreira solo decolar. Já com o diagnóstico de portador da Aids, Cazuzza viajou a Boston para tratamento. Retornou ao Brasil no fim de 1987 e no ano seguinte lançou o LP Ideologia, da qual a música em análise faz parte. Em fevereiro de 1989, Cazuzza declarou à imprensa que era soropositivo. Bastante debilitado, teve ainda tempo de lançar o LP Burguesia (1989). Tratou-se em São Paulo, depois em Boston e retornou ao Rio de Janeiro, onde morreu em julho de 1990, aos 32 anos. Em 1991 sai o álbum póstumo, Por Aí.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Disponível a biografia do autorem  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12739/cazuzzahttps://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12739/cazuzza>

Apesar da breve carreira, interrompida aos 32 anos, Cazuza é hoje reconhecidamente um dos principais letristas da MPB, tendo formado com Roberto Frejat uma das parcerias mais festejadas do rock brasileiro. Possuidor de uma voz autoral bem própria, ele une com maestria imagens poéticas desconcertantes — como as famosas "veneno antimonotonia", "segredos de liquidificador" e "museu de grandes novidades" — à linguagem coloquial da juventude carioca de seu tempo

## 2.2 Gilberto Gil

Gilberto Passos Gil Moreira nasceu no dia 26 de junho de 1942, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, e, com apenas três semanas de idade, foi morar na cidade de Ituaçu, no interior do Estado. Lá, junto à família, ele passaria a infância. Fascinado pelos sanfoneiros, cantores e violeiros locais, aos três anos de idade, o menino teve sua vocação musical despertada e, aos dez anos, foi estudar em Salvador, aprendendo também a tocar acordeom e sanfona.

Os ritmos e estilos musicais repercutiam com muita intensidade no jovem Gilberto Gil. Por sua cabeça passaram os acordes das bandas de pífano de Caruaru, os sons do violão de João Gilberto, a sanfona de Luiz Gonzaga, as músicas dos Beatles e outros. Todos esses elementos contribuíram para o surgimento do Movimento Tropicalista, liderado por Gil e Caetano Velloso nos anos 1960, com as músicas “Domingo no parque” e “Alegria, alegria”. Naquele mesmo ano, por sua vez, o compositor decidiu fazer o curso de Administração de Empresas, ingressando na Universidade Federal da Bahia.

Em 1963, inspirado em João Gilberto — um dos mais conceituados intérpretes e violonistas da música brasileira nos anos 1950 — ele compunha o samba bossa nova “Felicidade vem depois” e passou também, a tocar violão. E, em junho do ano seguinte, com Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, participaria de espetáculos antológicos em Salvador, inaugurando, em de um deles, o Teatro Vila Velha. Isso representou, para Gil, um marco muito importante porque, além de cantar e apresentar composições próprias, ele assinava, inclusive, a direção musical do show.

Quando já estava radicado na cidade de São Paulo, em 1965, ele compôs as músicas Procissão e Roda e, em 1966, a música Louvação, que deu nome ao seu primeiro disco. Nesse mesmo ano, várias conquistas relevantes ocorreram na vida do então funcionário da alfândega de Salvador: ele realizou seu primeiro show individual (dirigido por Caetano), terminou o curso universitário, casou-se, foi morar em São Paulo, e empregou-se na Gessy Lever. Na época,

também começou a se destacar na televisão, com o programa “O fino da bossa”, comandado por Elis Regina. E, tamanho foi o sucesso obtido que o poeta demitiu-se da empresa em que trabalhava e decidiu viver só de música.

Em 1967, Gil compôs a música “Bom dia”, em parceria com Nana Caymmi, para apresentar no III Festival da Música Popular Brasileira (MPB). No ano seguinte, gravava o disco Tropicália, em parceria com Caetano.

No final de 1968, durante o Governo Médici, duas semanas após a assinatura do Ato Institucional nº 5, que causou o acirramento da Ditadura Militar e das perseguições políticas, o compositor foi preso em São Paulo, sob a acusação de desrespeitar a bandeira e o hino brasileiros, e levado para o quartel do Exército de Marechal Deodoro. Caetano também foi preso com ele.

Libertado do cárcere, em fevereiro de 1969, Gil ficou proibido de se apresentar ou dar qualquer declaração em público. Na Bahia, cinco meses depois, ele ainda participou de um espetáculo de despedida, no Teatro Castro Alves, juntamente com Caetano, que deu origem ao álbum Barra 69. E compôs a música “Aquele abraço”. Contudo, diante das inúmeras proibições e perseguições sofridas, ele decidiu partir para a Inglaterra e se exilou com a esposa (Sandra Gadelha) no bairro de Chelsea, em Londres.

Na época, coincidentemente, casado com Dedé Gadelha (cunhada de Gil), Caetano iria morar no mesmo bairro londrino. Enquanto isso, o Movimento Tropicalista brasileiro era sepultado pela Ditadura Militar.

Gilberto Gil viveu no exílio de 1969 a 1972. Nesse ano, de volta ao País, ele lançava o disco Expresso 2222; e, quatro anos após, gravava Doces bárbaros, com Caetano, Maria Bethânia e Gal Costa.

O compositor ingressou na política em 1988, tendo sido eleito vereador de Salvador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Durante a vigência do seu mandato, foi criada a Fundação Onda Azul, voltada para o desenvolvimento de ações em prol da preservação ambiental. Ao final do seu mandato, entretanto, ele não quis disputar uma nova eleição. Naquele ano, Gil ganhava o prêmio Grammy, na categoria de melhor disco de World Music e, no ano 2000, tirava a poeira do acordeom para gravar a trilha sonora do filme Eu, Tu, Eles, cuja música Esperando na Janela tornou-se um grande sucesso.

Através dos anos, o compositor se envolvia ativamente em projetos sociais e ecológicos, tornando-se o porta-voz do movimento de consciência da raça negra que se organizava no País. Por seu incansável trabalho, o Governo francês o homenageou com o grau de Cavaleiro da

Ordem das Artes e da Literatura. Ele foi o primeiro artista baiano agraciado com o título Artista da Unesco pela Paz, um reconhecimento desta entidade às personalidades que mais se destacam na promoção da cultura em favor da paz. Além disso, em dezembro de 2002, o recém-eleito presidente Luís Inácio Lula da Silva o nomeou Ministro da Cultura do Brasil.

Algumas das composições mais conhecidas de Gilberto Gil são: Procissão; Expresso 2222; Estrela; Louvação; Se eu quiser falar com Deus; Eu vim da Bahia; Sítio do Pica-pau-amarelo; Back in Bahia; Oriente; Pai e mãe; Tradição; Soy loco por ti, América; O sonho acabou; Meu amigo, meu herói; Rebento; Sarará creolo; Refavela; Logun Edé; Realce; Filhos de Gandhi; Domingo no parque; Feiticeira; Aquele abraço; Iansã; Geléia geral; Pra ver o sol nascer; Eu preciso aprender a ser só; Ela; Super Homem; Refazenda; Drão; Lugar comum; Mar de Copacabana; A linha e o linho; Mancada; Lunik 9; As pegadas do amor; Pessoa nefasta; Com que roupa; Cálice; Frevo rasgado; Sandra; Chicletes com banana; Dinamarca; Viramundo; Lamento sertanejo e Trovada.

Há décadas, pesquisando, compondo e cantando suas músicas de um modo único e brasileiríssimo de privilegiar a cultura negra, o misticismo e a natureza, Gilberto Gil é considerado um dos maiores expoentes da MPB<sup>4</sup>.

### 3 ANÁLISE DO TÍTULO

Um “trem para as estrelas” é uma metáfora para a sorte, o acaso, que conduza alguém para o sucesso rapidamente, sem esforço. Pode ser a loteria, um reality show de televisão, um casamento milionário, tornar-se jogador de futebol, *top model* ou ator de Hollywood, ou quem sabe político... com essa metáfora, o eu-lírico apresenta a visão de mundo predominante na sociedade atual, que é o sucesso com pouco esforço, porque “todos querem se dar bem”. Assim, o título do poema já prepara o leitor para sua mensagem, de que as populações de uma cidade grande, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Nova York ou Tóquio, todas se assemelham nos sofrimentos e no sonho que têm de sair dessa situação por uma ação do acaso ou da Providência divina.

---

<sup>4</sup> Disponível em:

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=281&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=281&Itemid=1)

#### 4 ANÁLISE DO POEMA

Nesse poema, os autores fazem uma ácida crítica ao sistema de classes perpetuado pelo Capitalismo em detrimento das pessoas. Já no primeiro verso, tem-se:

São sete horas da manhã  
vejo o Cristo da janela  
o sol já apagou sua luz

Nestes versos, os poetas criticam o símbolo da cidade do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor. Durante a noite, ela se mostra resplandecente, mas de manhã, com a luz do sol, as luzes são apagadas. Nisso consiste a crítica dos autores ao Cristo Redentor, “de braços sempre abertos, mas sem proteger ninguém”.

Não é uma crítica religiosa, mas, sim, ao que a estátua representa. Segundo o *site* <https://www.culturagenial.com/monumento-cristo-redentor/>, a história do monumento seria:

Em 1859, o Padre Pierre-Marie Boss estava na janela da Igreja do Colégio da Imaculada Conceição, situado na praia de Botafogo e, ao ver o monte Corcovado, teve a ideia de construir um monumento em honra da Princesa Isabel, filha do imperador Pedro II.

Durante os preparativos para o centenário da Independência do Brasil, em 1920, o Círculo Católico do Rio de Janeiro fez a proposta e angariou fundos para a construção do monumento.

Nesta época surgiram várias propostas, mas a vencedora foi aquela que representava Jesus Cristo em pé, com os braços abertos, com uma postura que refletia uma atitude de amor e paz.

Fica fácil entender a ironia dos poetas a um símbolo religioso de uma das cidades mais violentas da América do Sul. O Eu-lírico abre as janelas de sua casa e vê a estátua do Cristo Redentor, com as luzes apagadas.

e o povo lá embaixo espera  
nas filas dos pontos de ônibus  
procurando aonde ir.

De manhã, os trabalhadores “lá embaixo” aguardam nas filas dos pontos de ônibus, o transporte para os locais onde trabalham. A expressão “lá embaixo” é significativa no poema, porque, em primeiro lugar, as pessoas estão “lá embaixo” em relação à estátua do Cristo Redentor e, em segundo, elas estão “lá embaixo” na pirâmide social: são os pobres, os

trabalhadores, os excluídos, que esperam nas filas dos ônibus, “procurando aonde ir”. E a ironia mais profunda é dizer que essas pessoas lá embaixo “são cicerones do Cristo”:

São todos seus cicerones  
correm para não desistir  
dos seus salários de fome  
e a esperança que eles têm  
nesse filme como extras,  
todos querem se dar bem  
num trem para as estrelas

Cicerone é o mesmo que guia turístico. São exatamente os pobres, as pessoas das classes mais baixas que trabalham como guias turísticos extraoficiais para os visitantes, principalmente estrangeiros, com o objetivo de ganhar uns dólares a mais. E essas pessoas correm para seus locais de trabalho, mas também correm para não desistir da vida, por mais que seja mesquinha. E todos mantêm viva a esperança de obter sucesso, apesar de seus salários baixos (de fome), o “se dar bem” dos poetas.

As pessoas pobres do Rio têm pouca importância, é como se fossem “extras” do filme da vida. Extras são pessoas que fazem aparições temporárias como participantes que completam as cenas do filme. Ganham um cachê simbólico, bem pequeno e alguns participam até de graça. É muito comum, às portas das emissoras de televisão, haver filas de pessoas aguardando para essas funções e muitos que aspiram à carreira artística têm esperança de que algum “olheiro” as perceba e convide para um papel significativo. E então “elas se dariam bem”, ascenderiam na pirâmide, seriam famosas .

Não é surpresa se afirmar que os pobres brasileiros, em sua maioria, pertencem às raças negra ou parda. Daí a nova metáfora:

depois dos navios negreiros  
outras correntezas

Os navios negreiros traziam os negros escravos para o País. Hoje, oficialmente, a escravidão acabou, mas os ônibus e os trens suburbanos nas grandes cidades são modernos navios negreiros, porque os salários de fome, a vida nas favelas, a falta de segurança são as novas formas de escravidão, as novas “correntezas” sociais, que mantêm a classe baixa na mesma condição de miséria em que viviam os antigos escravos.

Estranho o teu Cristo Rio  
que olha tão longe, além  
com os braços sempre abertos  
mas sem proteger ninguém.

O interlocutor facilmente percebe que a palavra Rio, nesse contexto, é um vocativo e devia, portanto, vir entre vírgulas, mas a ausência da vírgula evidencia que não se trata do Cristo de verdade, mas um Cristo só do Rio, só do turismo, só para turista ver. Por isso, ele tem os braços sempre abertos mas parece não proteger ninguém. Em vez de olhar para as misérias dos habitantes da cidade que ele protege, “ele “olha tão longe, além”... além da pobreza, da miséria, do sistema de saúde falido, das necessidades sociais dos habitantes da cidade. Mantém os braços sempre abertos, mas os habitantes do Rio de Janeiro não se sentem por ele acolhidos, não se sentem protegidos. É um Cristo estátua, não o Cristo pessoa, entidade religiosa.

Observe-se que a vírgula que separa as expressões “olhar longe” e “além distancia ainda mais os dois advérbios e, metaforicamente, mostra que o Cristo de pedra olha apenas para o longe, para o além e não vê as necessidades dos habitantes cariocas, que estão “lá embaixo”.

[...] com os braços sempre abertos mas sem proteger ninguém.

A conjunção mas tem seu sentido mais completo neste trecho. Indica contradição, adversidade, porque a intenção do artista, ao fazer o Cristo colossal com os braços abertos sobre a cidade, era simbolizar a proteção de Jesus sobre seus habitantes. Mas, para o poeta, apesar dos braços abertos, o Cristo é indiferente aos problemas sociais de seus protegidos.

Essa mesma ideia viria a ser veiculada na música de Gilberto Gil e Milton Nascimento “Sebastião”, em que os poetas retomam a figura histórico-religiosa de São Sebastião, protetor do Rio de Janeiro, que morreu com o peito cravado de flechas para mostrar a vulnerabilidade em que se encontram os moradores da cidade:

Sebastian, Sebastião  
Diante de tua imagem  
Tão castigada e tão bela  
Cada parte do teu corpo  
Cada flecha envenenada  
Flechada por pura inveja  
É um pedaço de bairro é uma praça do Rio  
Enchendo de horror quem passa<sup>5</sup>

Em “O Trem para as estrelas”, o eu-lírico afirma que vai “forrar suas paredes com recortes de jornal, para mostrar que não é nada sério”:

Eu vou forrar minhas paredes  
do meu quarto de miséria  
com manchetes de jornal

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/sebastian.html>

para ver que não é nada sério.

Nestes versos, temos, inicialmente, inicialmente, uma metonímia, porque o poeta vai forrar as paredes do seu quarto de miséria e não as paredes de si mesmo. A metonímia insinua uma identificação do poeta com seu quarto, como se fossem um só: as paredes do quarto e as do poeta. As manchetes de jornal só mostram tragédias, crimes, tristezas, mas que são rapidamente esquecidas, substituídas por outras manchetes no dia seguinte. Assim, o poeta pretende mostrar que os problemas sociais e as tragédias, de tão repetidos, são lugares comuns e o público se torna indiferente. E o poeta gostaria também de pensar assim. O pleonasma em “minhas paredes/do meu quarto” reforça a identificação entre o poeta e seu quarto: ambos são miseráveis ou o poeta se sente assim, tão miserável quanto o seu quarto, que é o quarto de todos os brasileiros.

E, para terminar, os versos ácidos:

Eu vou dar o meu desprezo  
para você que me ensinou  
que a tristeza é uma maneira  
da gente se salvar depois  
num trem para as estrelas

Nesses versos, o “você” representa a ideologia, sobretudo a religiosa, que diz que as pessoas precisam sofrer para serem felizes depois (no céu). Claro que representa, ao mesmo tempo, o interlocutor do eu-lírico. Nesse contexto específico, o “você” poderia ser o verdadeiro Cristo (que para ele é igual ao de pedra), em quem o eu-lírico, certamente não acredita e pensa ser uma ilusão para manter as pessoas acomodadas diante da miséria e da injustiça. Isso reforça a simbologia do título, porque as pessoas esperam que a religião seja uma forma de se salvar depois, já que o hoje é de miséria e de vulnerabilidade. E esperam esse trem para as estrelas, sem lutar para mudar o agora, único tempo que o indivíduo tem em mãos para mudar o mundo e “fazer acontecer”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo encetou uma análise estilística da bela música de Cazuzza e Gilberto Gil, que é o tema de filme com o mesmo título. O filme coloca em cena a odisseia de Vinícius/Vina (Guilherme Fontes) à procura de sua amada Eunice/Nicinha (Ana Beatriz Witgen), e a busca

de sua consagração como músico. Foi produzido em 1987, dirigido por Carlos (Cacá) Diegues, A canção “Um Trem para as Estrelas” foi composta por Cazuza em parceria com Gilberto Gil, para ser o tema do filme e faz, parte da trilha sonora<sup>6</sup>.

Buscou-se mostrar que as palavras veiculam sentidos e, ao mesmo tempo, os constroem imagens poderosas na mente do ouvinte. Nesse poema, o eu-lírico parte de uma analogia entre o Cristo Redentor (estátua) e o Cristo (ser religioso). Ao fazer essa analogia, os poetas mostram o seu ponto de vista, de que as pessoas são esquecidas pelos governos e pelos sistemas ideológicos e bem pouco recebem do mundo, no qual se sentem como participantes de um filme, mas apenas como “extras”, sem importância, desempenham um papel secundário na vida e têm esperança de um dia alcançarem a felicidade, num “trem para as estrelas”.

## REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

BUENO, Silveira. **Estilística brasileira**. São Paulo: Editora Saraiva, 1964.

CARRETER, Lázaro; LARA, Cecília de. **Manual de explicação de textos**. 1973, p. 25-48

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística**. São Paulo: Editora USP, 1990

MELLO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1976.

RIFATTERRE, Michel. **Estilística estrutural**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973

SÁ, Jussara Bittencourt de. Mito de Orfeu em Um trem para as estrelas: a canção e o filme. **Crítica Cultural (Critic)**, Palhoça, SC, v. 7, n. 2, p. 362-371, jul./dez. 2012

### Sites consultados:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12739/cazuza>  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12739/cazuza>

<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/sebastian.html>

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=281&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=281&Itemid=1)

---

<sup>6</sup> Disponível em: Crítica Cultural (Critic), Palhoça, SC, v. 7, n. 2, p. 362-371, jul./dez. 2012

Um trem para as estrelas de Cazuza e Gilberto Gil

<https://www.culturagenial.com/monumento-cristo-redentor>